

MAIS DE  
500 MIL  
EXEMPLARES  
VENDIDOS

# Eles não usam black-tie

GIANFRANCESCO  
GUARNIERI

  
CIVILIZAÇÃO  
BRASILEIRA

Copyright © Gianfrancesco Guarnieri

FOTO DE CAPA:

*Estevam Figueiredo*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Guarnieri, Gianfrancesco

G95e Eles não usam black-tie [recurso eletrônico] / Gianfrancesco  
Guarnieri. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.  
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-200-1347-2 (recurso eletrônico)

1. Teatro brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

17-44580

CDD: 869.2

CDU: 821.134.3(81)-2



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Um selo da

JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro,  
RJ

Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.



## Prefácio

Creio que o nome certo das linhas que se seguem — memórias, opiniões, tanto do autor da peça como de críticos que viram *Eles não usam black-tie* em tempos um tanto distanciados, mas com o mesmo interesse — deveria ser Depoimentos.

A palavra talvez soe falso, mas o contexto do que aqui está pode dar um sentido exato do que se viu, do que se falou, do que se escreveu, e principalmente do que diz agora o autor, passados oito anos da estreia.

Falam, nestas páginas, primeiro o autor, com suas vivências, com as razões que o fizeram escrever a peça; são memórias de um então quase adolescente, um pouco afastado no tempo em que se obrigou a dar este testemunho que foi *Eles não usam black-tie*. E ele, hoje, sentindo a peça, com oito anos de distância, mais maduro, não abandona o amor e o fervor que o determinaram a fazer a sua primeira tentativa teatral. Dela nos fala, às vezes, com calor e simpatia; outras, com uma espécie de pudor sobre o primeiro conhecimento com o meio de expressão que usaria para externar toda a sua problemática humana e social.

Gianfrancesco Guarnieri, autor hoje consagrado, fala aqui de sua primeira experiência. Seu primeiro amor, digamos assim, que ele analisa, dissecar, mas não renega.

Falarão também da peça, analisando-a, criticando-a, e principalmente admirando-a, quatro pessoas que acompanharam de perto essa obra que iniciou e foi uma das

mais sérias e melhores tentativas de uma dramaturgia urbana brasileira.

“Escrita em 1955, a peça *Eles não usam black-tie* não surgiu de uma determinação, não obedeceu a nenhuma estrutura prévia, disse-nos Gianfrancesco Guarnieri. Nasceu de jorro, ia-se estruturando conforme o diálogo era posto no papel. Os personagens apareciam de repente, iam criando forma e a história pouco a pouco se estendia e formava sentido.

De início era apenas a necessidade de descrever uma festa de noivado num barraco de favela, entre operários. Impressões de adolescência. A coisa tomou impulso e impeliu-me a escrever, dando-me uma sensação gostosa de travessura. Tinha 21 anos. Recém-começara a fazer teatro, como ator, no Teatro Paulista do Estudante. Minha experiência, a primeira séria, como dramaturgo, só foi possível — tenho certeza — por não ter consciência de estar fazendo a primeira experiência séria como dramaturgo. Já antes havia escrito uma peçazinha no Rio de Janeiro para o teatro do Colégio Santo Antônio Maria Zaccharia. Foi montada com êxito. As peças representadas em escola geralmente têm êxito. Não me deixei, no entanto, iludir por aquele sucesso. Foi uma brincadeira que me deu dor de cabeça, mas não passou de uma brincadeira. Depois daquilo, fiquei muito tempo sem pensar em teatro. Aliás, habituado ao teatro, desde criança, quando acompanhava meus pais, não perdendo uma ópera das temporadas líricas, acostumei-me a tratá-lo como coisa doméstica, sem muita cerimônia. O gosto pelo teatro existia. Podia fazer ou não fazer teatro,

pouco importava. Parecia-me que quando quisesse eu poderia fazer teatro, assim, à toa, como coisa natural.

Escrever peças de teatro foi a mesma coisa, assim, à toa, sem querer. Escrevi *Black-tie* rapidamente. Levantava-me à noite para escrever. E divertia-me muito com os personagens que surgiam, principalmente com o Chiquinho. Fui o primeiro a chorar com o final do terceiro ato. E minha admiração por Romana foi sempre imensa. Eles estavam lá — os personagens — e eu aqui. Intuitivamente ia colocando no papel uma série de vivências, as preocupações que me afligiam estruturavam-se no ato de escrever. Luto hoje em dia para aliar uma visão mais real das coisas com aquele estado de graça: a mais sincera, ingênua, integrada, desimpedida maneira de falar do meu mundo. Uma ausência total de autocritica no ato de escrever. A crítica vinha muito depois, deixando-me assim livre para me expor realmente a mim mesmo.

*Black-tie* parte sem dúvida de uma visão romântica do mundo. Pressupõe uma série de valores básicos, imutáveis, através dos quais os problemas surgem, estourando os conflitos, os homens se debatem, mas tudo chegará a bom termo graças a uma providencial ordem natural das coisas, atingindo-se no tempo a harmonia geral esperada, em virtude de uma tomada de 'consciência'. *Black-tie*, no fundo, é uma peça idealista.

Mas, por outro lado, a peça reflete corretamente muitos aspectos da realidade brasileira, fornecendo considerável material para elaborações posteriores. Parece-me que as personagens, nascidas de um contato direto com o ambiente em que elas se desenvolvem, foram bem-sucedidas.



Particularmente Romana e Tião. A introdução de uma temática urbana, o conflito de classes, a atuação política de Otávio, o problema fundamental de Tião, são aspectos que reputo positivos e penso que contribuíram para o desenvolvimento da nova dramaturgia brasileira.

*Black-tie* foi montada pela primeira vez em 1958, no Teatro de Arena de São Paulo. Esteve depois um ano em cartaz no Rio e já foi apresentada em diversas capitais e cidades do Brasil e também com êxito na Argentina, no Uruguai, no Chile e na Alemanha, para o público normal e principalmente para públicos bastante populares. O público popular adota a peça como sua, identifica-se com ela. A sinceridade com que foi escrita e o grande amor que sem dúvida encerra são fatores preponderantes para essa comunicação. Por esses aspectos positivos não considero *Eles não usam black-tie* uma peça superada, embora não escrevesse hoje da mesma forma sobre o mesmo tema. Para mim é um caminho a ser aprofundado.”

\* \* \*

Referindo-se à peça, assim escreveu o crítico Décio de Almeida Prado (*Teatro em progresso*, pp. 132 a 134 — Editora Martins):

“Gianfrancesco Guarnieri é um jovem fenômeno do nosso jovem teatro. Com 25 anos, só teve tempo de escrever duas peças. Pois as duas constituíram-se, como se sabe, em êxitos excepcionais, dos maiores de que se tem notícia, modernamente, em palcos brasileiros. Em menos de um ano e meio de atividade pública como autor, Guarnieri já teve certamente mais espectadores do que a maioria dos nossos

dramaturgos em toda uma existência dedicada ao teatro. Ambas as peças, aliás, acabaram de sair do cartaz, partindo à procura de novas plateias. *Eles não usam black-tie* irá ao Rio de Janeiro depois de um giro pelo interior, enquanto *Gimba* se apresenta por uma semana no Teatro Municipal carioca, antes de ir representar o Brasil na Europa. O momento parece, portanto, oportuno para uma derradeira tentativa de se avaliar criticamente os seus respectivos méritos.

*Eles não usam black-tie*, se não estamos enganados, põe diretamente o dedo na ferida. A greve é o seu tema ostensivo, uma greve operária, de reivindicação de melhores salários, que acaba por separar pai e filho. O pai, revolucionário consciente de seus fins, forte da força de sua classe, é um dos cabeças do movimento. O filho, criado, por circunstâncias várias, em ambiente diverso, pensa em primeiro lugar no próprio futuro. Corajoso quando se trata de enfrentar outros homens — e o fato mesmo de furar deliberadamente a greve põe isso em evidência —, o seu medo é de outra natureza: o grande medo da nossa sociedade moderna, o medo de ser pobre. Jovem, nas vésperas de casar, com mulher e filho em perspectiva, só tem um cuidado: fugir de sua condição operária, melhorar de vida, subir — e quem é que ousaria, de consciência tranquila, lançar-lhe a primeira pedra?

A ação, pois, pelo seu lado moral, prolonga-se além dos dados iniciais do problema, transcendendo de muito o caso local da greve. Numa sociedade bem organizada — nada custa sonhá-la e é desses sonhos que se alimenta o doloroso e lento progresso da humanidade — não haveria conflitos assim tão marcantes entre o interesse coletivo e o interesse individual. Ora, é uma alternativa desta natureza que o nosso jovem operário tem de enfrentar. Para ele, greve, revolução,